

A cidade de Ercílio Rosa: crônica e imaginário de Novo Hamburgo na década de 1940

The city of Ercílio Rosa: chronicle and imaginary Novo Hamburgo in the 1940

**Luiz Antonio Gogler Maroneze,
Cleber Cristiano Prodanov,
Cristina Ennes da Silva.¹**

Resumo: Este artigo busca acessar o imaginário da cidade de Novo Hamburgo na década de 1940, através das crônicas de Ercílio Rosa publicadas no Jornal 5 de Abril. Faz-se uma análise de conteúdo de suas publicações inseridas no universo das ideias da época, contextualizando o jornal e seu cronista. Entende-se que o autor, em consonância com a linha editorial do periódico, assume e reproduz elementos que seriam “específicos” do imaginário de Novo Hamburgo, como a vocação ao trabalho, ao progresso e a “harmonia social”. O cronista, assim, reproduz e aprimora imaginários através das supostas tradições, em um contexto de franca incorporação de padrões modernos.

Palavras-chave: Jornalismo. Cidade. Novo Hamburgo. Imaginário.

Abstract: This article aims at accessing the popular imagery of Novo Hamburgo city in the 1940s, through the chronicles written by Ercílio Rosa and published in the newspaper named 5 de Abril. We make a content analysis of his publications inserted in the universe of ideas of that time, contextualizing the newspaper and its chronicler. It is understood that the author, in accord with the editorial line of the newspaper, assumes and reproduces elements that would be “particular” to the imagery of Novo Hamburgo, such as vocation for work, for progress and for “social harmony”. The chronicler, thus, reproduces and hones imageries through the supposed traditions, in a context of genuine merger of modern standards.

Keywords: Journalism. City. Novo Hamburgo. Imaginary.

Resumen: Este estudio busca acceso al imaginario de Novo Hamburgo en la década de los 40 del siglo pasado, a través de las crónicas de Ercílio Rosa publicadas en el periódico 5 de abril. Se analiza el contenido de sus publicaciones insertadas en el universo de las ideas de aquel entonces, contextualizando el periódico y su cronista. Se entiende que el autor, consonante al editorial del periódico, asume y reproduce elementos que serían “específicos” del imaginario urbano de Novo Hamburgo, como vocación al trabajo, al progreso y a la “armonía social”. El cronista, así, reproduce y aprimora imaginarios a través de presuntas tradiciones en um contexto de franca incorporación de patrones modernos.

Palabras-clave: Periodismo. Ciudad. Novo Hamburgo. Imaginario.

O cronista e a cidade

Ercílio Rosa, o mais importante cronista da cidade de Novo Hamburgo nas décadas de 1940 e 1950 incorporava-se, sem dúvida, à tradição brasileira de cronistas como Achylles Porto Alegre, Theodemiro Tostes e Rubem Braga. O trabalho de mais de três centenas de crônicas publicadas no jornal 5 de Abril² é um rico manancial de informações sobre diversos aspectos da vida social daquela cidade que vivia em franco processo de expansão industrial.

¹ Luiz Antonio Gloger Maroneze Graduado, Mestre e Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Professor adjunto do PPG de Processos e Manifestações Culturais da Universidade FEEVALE. Cleber Cristiano Prodanov Graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - FFLCH/USP. Pró-Reitor de Inovação e professor titular do PPG de Processos e Manifestações Culturais da Universidade FEEVALE. Cristina Ennes da Silva Graduada e Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Doutora em História Ibero-Americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Pró-Reitora de Ensino e professora titular do PPG de Processos e Manifestações Culturais da Universidade FEEVALE. Mestrado em História do Brasil (1994) e Doutorado em História das sociedades Ibéricas PUCRS (2007).

Seu olhar, como o de todo bom cronista, filtrou, traduziu e reelaborou a vida da cidade na literatura de jornal. São textos que apresentam uma tradução pessoal das opiniões do meio, leituras pontilhadas de ideias filosóficas que recriam imagens a partir do estranhamento vivido nas ruas. Como típico observador de um cenário imbricado às ideias modernas, vive a ambiguidade das mudanças entre o aplauso e a crítica. Selbach o define como um cúmplice traído pela cidade:

Como coparticipante da mudança em curso, Ercílio Rosa auxiliou e contribuiu, mesmo que de forma inconsciente, para a consubstanciação dos ideais de progresso e modernização, nitidamente presentes em sua época. Mesmo cúmplice, sentiu a traição através da ilusão intrínseca deste processo, que acentua a eterna caducidade das coisas, que privilegia o eterno e o transitório, que mascara uma realidade vil e vende um sonho de felicidade através de conquistas materiais. (Selbach, 2009, p. 8 – 9)³

O autor lembra também que o período em que o escritor atuou intensamente, décadas de 1940 e 1950, foi

um divisor de águas para a comunidade local”, pelas fortes mudanças do pós-guerra, como também “porque foi a partir daí que a produção calçadista foi direcionada para o mercado externo, potencializando enormemente os rumos da região. (Selbach, 2009, p. 8 – 9)

Ercílio rosa foi um tradutor da cidade. Na aparente despreensão de suas crônicas, o escritor dos detalhes elabora imagens literárias da vida urbana: da sua visão sobre o fluxo das ruas o cronista produz uma outra cidade a partir de fatos, tradições e impressões. Nestas construções transparece a intenção de dizer uma sociedade ideal e de criticar suas falhas, de devolver ao leitor uma Novo Hamburgo imaginária, agendando uma cidade ideal, desejada. Ele dá a ler assim, nas entrelinhas de um texto rápido, um tanto da essência cultural do lugar do qual e para o qual escreve, normalmente acessando e alimentando imaginários. Trabalhar com esse tipo de documentação exige, contudo, alguns esclarecimentos.

A crônica é uma fonte histórica que normalmente trabalha em uma escala “micro”: trata de fatos circunscritos no tempo e no espaço que, no entanto, estão colocados em um contexto maior. Ela se insere na abertura perpetrada pela “Nova História”, que segundo Burke (1992, p.10) é onde se entende que todo vestígio humano pode ser utilizado pelo historiador,

² O 5 de Abril teve sua primeira edição veiculada em 06 de maio de 1927. O nome do semanário, que passa a circular um mês após a emancipação da cidade de Novo Hamburgo, é um indicativo de seus propósitos. O jornal circulou durante 35 anos, entre 1927 a 1962, atingindo 1811 edições.

³ Esta obra, após uma breve e interessante introdução, é uma compilação de quase 400 crônicas do autor publicadas em duas décadas no jornal 5 de Abril. Trata-se de uma excelente pesquisa e de um farto “banco de dados” para trabalhos de pesquisa em vários níveis. No presente artigo as análises das crônicas se darão a partir desta compilação e da colaboração das pesquisas do bolsista PIBIC/CNPq Emerson Ranieri Santos Kuhn.

mas que permite também estabelecer cruzamentos com os processos mais amplos, ao nível das estruturas de duração longas. Essa é a perspectiva que orienta o presente artigo, entendendo, como Vainfas (1997, p.447), que estes olhares (micro e macro) não são excludentes, “são abordagens que se podem combinar, em graus variáveis, num mesmo livro, numa mesma pesquisa”(Vainfas, 1997, p.447). Caminho esse proposto pelos seguidores da “micro-história” que veem nos indícios e nas atividades individuais, sinais de padrões culturais amplos. Neste sentido, Levi (1992, p.135) esclarece que a perspectiva metodológica da “micro-história” se define e se difere de outros caminhos metodológicos “por refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos.”(Levi, 1992, p.136) Ou seja: trata-se de fugir de uma interpretação que retire o texto de seu contexto, de uma análise que desconsidere o processo histórico e o ambiente material. Como afirma Chartier (2002, p.37), contra uma história vista como um mero jogo retórico, o historiador deve sustentar que seu trabalho é comandado por uma intenção e por um princípio de verdade e que o passado enquanto objeto é uma realidade exterior ao discurso numa formulação controlada pelo historiador.

Em meio às incertezas teóricas contemporâneas, o que parece ser consenso, no entanto é a incorporação do conceito de cultura da Antropologia no fazer diacrônico da História. Nesse sentido, vale lembrar a definição do antropólogo Marshall Sahlins sobre a questão, para ele:

a história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com o esquema de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. (Sahlins, 1990, p.7)

Dito de outra forma: todo o ambiente cultural é afetado pelas transformações internas e informações externas que transformam o fazer e o pensar. Nesse sentido, um romance ou uma crônica, por exemplo, mesmo que tratem de questões específicas de uma dada cidade, estarão produzindo uma síntese dialética entre o “micro” e o “macro”.

Outra questão a ser ainda discutida aqui é o da utilização da literatura (no caso a crônica) como fonte de pesquisa para a História. Para Pesavento (2002, p.8), o diálogo entre a literatura e história é antigo e travado por autores de diferentes raízes conceituais. Filósofos, historiadores e linguistas abordaram principalmente a questão da narrativa na ficção e na História, uma lidando com a “invenção” e a outra com a “verdade”. A autora, baseada em teóricos como Paul Ricoeur, afirma que essa discussão é um falso problema na medida em que “o historiador busca recriar o que teria se passado um dia, e o escritor de literatura cria

um enredo que poderia também ter ocorrido.”(Pesavento, 2002, p.13) Para a literatura, os fatos narrados são “reais acontecidos”, elaborados a partir de uma dada realidade, de um “referencial de contingência”, enquanto que a História tem a pretensão de se referir a um “passado real” também a partir de uma construção narrativa. Pesavento (2002, p.15) conclui que no final ambas são “representações do real”, são narrativas plausíveis que tentam transportar o leitor a um outro espaço/tempo que poderia ter sido para a literatura, ou que “efetivamente foi” na pretensão de verdade da História.

Na trilha dessas questões, importa aqui o papel que a literatura tem sobre a sociedade receptora, no caso deste artigo, pensar o cronista como um elemento dinâmico do imaginário local, interagindo simbolicamente a partir da cidade e para a cidade. A autora sintetiza bem esta possibilidade:

A literatura anuncia, denuncia ou nega as formas sociais da existência urbana e as suas formas materiais de expressão. Nesse contexto, o escritor, autor do texto ficcional que diz a cidade a seu modo, é o que se chamaria um expectador privilegiado do social, capaz de traduzir, em forma literária – romance, crônica ou poesia – um urbano que “poderia ter sido” e que assume um “efeito de real”. Ora, o discurso literário dá uma nova existência a coisa narrada. Se é o olhar que qualifica o mundo, a narrativa literária ordena o real e lhe confere um valor, exercendo uma espécie de ‘pedagogia da imaginação’.(Pesavento, 2002, p.13)

Seguindo essas reflexões, entende-se aqui que as crônicas de Ercílio Rosa dão a ver uma visão pessoal e crítica da realidade circundante imbricadas a linha editorial do periódico. Bagagem intelectual, história de vida e a relação com a cidade somam-se a atividade profissional jornalística e suas imposições. Questão essa que envolve, provavelmente, a vida da maioria dos cronistas: a tensão entre a liberdade do escritor e os limites estabelecidos pelo periódico. O resultado, todavia, na percepção deste artigo, é o estabelecimento de uma “pedagogia do olhar”, ou como diz Pesavento (2002, p.43), uma “pedagogia da imaginação” sobre o universo simbólico de Novo Hamburgo. Valendo-se do espaço jornalístico, o autor tenta educar o olhar do receptor no processo da sistematização de imaginários para a “cidade nova”, para um ambiente que reinventa suas tradições na lógica do moderno, elaborando um imaginário possível para o projeto de “cidade industrial”.

Aliás, como já exposto por Schemes, Maroneze e Kuhn Júnior (2013, p.36), o “5 de Abril” nasce com a emancipação de Novo Hamburgo, tem o nome em homenagem ao fato e sempre trabalhou no sentido de formar um ethos específico para a cidade: ordeira, trabalhadora e progressista. Ercílio Rosa, enquanto cronista do periódico, mesmo que marcando algumas posições pessoais, não fugia daquela orientação geral, como veremos mais adiante. Em sua atuação no jornal, o cronista aparece como um incansável formador de

opinião que tenta educar o leitor com suas críticas e sugestões para chegar as questões da identidade e do imaginário, retirando do cotidiano modelos de permanência e traços específicos que marquem diferenças identitárias. Sua fórmula propõe mostrar o conhecimento comum num nível levemente distorcido “para cima”, burilando artisticamente o cotidiano para construir sua própria literatura: “A nossa imaginação, que as vezes se confunde com as variedades das concepções comuns, obstina-se a observar os passos mundanos de nossa cidade com algumas gotas de filosofia.” (Rosa, 1948, p.55)

É interessante pensar na grande distância que separa uma cidade que possui um periódico próprio, de uma maioria que não tem um veículo em sua comunidade. O 5 de Abril foi criado com o intuito aparente de ser tornar o catalizador de um projeto de cidade, um veículo capaz de criar e sublinhar distinções em relação a São Leopoldo, município do qual havia se emancipado, bem como em relação aos outros vizinhos. Com um dos menores territórios dentre as cidades do país, o foco do discurso passa a ser a valorização da indústria, do trabalho e a modernização em oposição ao rural, base econômica da maioria das cidades brasileiras naquelas décadas. Até porque, de fato, desde meados do século XIX o antigo distrito de São Leopoldo vinha se especializando na produção do couro e do calçado, economia que permitiu e forçou a separação política. (Gertz, René, p. 206)

O periódico pode ser visto assim como uma “tecnologia do imaginário”, que esteve de forma clara envolvida neste projeto emancipatório e identitário e que tenta definir as especificidades culturais de Novo Hamburgo, as “diferenças” que delimitariam as fronteiras simbólicas do município.

Em sua coluna no 5 de Abril, Ercílio Rosa atua de forma explícita no sentido buscar/elaborar uma distinção entre os habitantes de Novo Hamburgo em relação as demais; devolve de forma elaborada as informações, imagens e modelos éticos de um modo específico de ser novo-hamburgense. Vale lembrar aqui que “o imaginário é um estilo, uma impressão digital do indivíduo ou do grupo na cultura.”(Machado da Silva, 2003, p.57) E mais:

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal.(Machado da Silva, 2003, p.11)

É o que faz Rosa em seu trabalho ao reprocessar as impressões do cotidiano dentro de categorias que deveriam ser específicas da cidade; redefine tradições a partir dos dados colhidos e diz o que é ser um morador de Novo Hamburgo, como é a visão de mundo dos habitantes e o que não deveria ser. É sabido que as tradições são inventas e reinventadas pelos

grupos sociais⁴. Nesses processos a imprensa tem um papel determinante nas sociedades modernas, informando, filtrando e apresentando versões que interessam aos grupos mais fortes do jogo político. Os imaginários produzidos e mantidos por um jornal são também resultado e expressão das relações políticas em um dado contexto, de uma arena de discursos que estruturam realidades. Pois como diz Rolink (1995, p.21), mesmo que as relações cidade/poder variem de forma ampla em cada caso, o “certo é que desde sua origem a cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política.” (Rolink, 1995, p.21) Desta forma, entende-se aqui, os modelos utilizados pelo escritor não podem ser pensados e analisados sem considerar o contexto mais amplo das ideias e do jogo político, tanto local quanto global daquele momento.

Seus escritos descrevem e “fotografam” momentos de uma cidade que pretendia-se alçar a condição de moderna, ser, como diz o cronista, uma “pequena metrópole”. Ao apresentar as transformações daquele ambiente urbano, o escritor observa as alterações nos costumes, aplaude muitas das novidades e se recente da perda de determinadas tradições. Seus escritos permitem análises variadas e obviamente este artigo não tem a pretensão de explorar todo o imenso potencial de seu legado, busca-se apenas dar conta da seguinte problemática: de que forma a atividade jornalística de Ercílio Rosa atua na construção da Novo Hamburgo imaginada e quais são suas categorias centrais? Para tanto, inicialmente tratar-se-á da crônica enquanto fonte de pesquisa para o fazer histórico para, num segundo momento, entrar na análise propriamente dita da Novo Hamburgo de Ercílio Rosa.

Jornalismo, Crônica e História

No Brasil e em Portugal a crônica evolui da simples narrativa dos acontecimentos para um formato literário que mescla a antiga função com a liberdade criativa do escritor. Com a expansão do jornalismo no século XIX, o cronista inventa seu lugar e molda o gênero entre a “realidade cotidiana” e a invenção literária, entre reportar e opinar.

A ideia de que os cronistas têm “um papel” social facilitado por sua relativa independência ou marginalidade dentro dos veículos de comunicação apoia-se no aspecto literário do ofício: o personalismo de cada cronista, seu estilo e suas marcas, abrem espaço ao emotivo, aproximando-o das conversas públicas. É neste sentido emancipatório que define-se

⁴ Vale lembrar aqui a obra de Marcel Mauss publicada em 1934 sobre como as tradições são criadas e recriadas numa dada cultura e o trabalho de Hobsbawn sobre a “invenção das tradições”.

a atividade como “[...] a mais legítima representação da liberdade de opinião” (Galvani, 2005, p.18), e que justamente por isso são os mais aptos comunicadores da cidade.⁵

Outro autor, explica que uma cidade se “[...] caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisações cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra.” (Canevacci, 1997, p.18) Sendo polifônica, sua leitura não pode ser realizada por meios muito rígidos: daí a importância do observador/escritor dos fragmentos e do veículo jornalístico. Também sublinha-se a dialógica do cronista que “[...] equilibra o coloquial e literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema e subtemas.” (Sá, 1985, p. 23)

O cronista, livre do cientificismo acadêmico e da necessidade de reportar diretamente a “realidade”, traduz e comunica a polifonia da cultura urbana oscilando entre o fato e a ficção, focando os múltiplos grupos sociais. A crônica jornalística, contudo, flerta também com o conto e a poesia para construir imagens literárias sempre centradas na “verdade do instante”, aproximando-se daquilo que Bachelard (1988, p.89) chamou de “ontologia direta”. Segundo ele, a leitura ou a recepção de uma imagem poética é apropriada pelo leitor e materializa-se no “ser”. Para ele:

A imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Recebemo-la, mas nascemos para a impressão de que poderíamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso ela é a expressão criada do ser. (Bachelard, 1988, p.100)

Desta forma, a superabundância de informações retratadas pelos cronistas, que estão intimamente relacionadas ao acontecer urbano e ao fluxo temporal, transforma-se também em imagens e ideias que se fixam no devir. O cronista, através do jornal, cria ou alimenta imaginários urbanos diariamente, aproxima o vivido do imaginado mesclando passado e presente, memória e acontecimento: cruza ideias universais na reflexão do detalhe e estabelece uma dialética entre espaço social e a temporalidade. Seu texto é produzido, normalmente, a partir de um fragmento do dia numa cidade, circula nos “rios” do imaginário e “embrulha o peixe” do dia seguinte. Para Walter Galvani,

[...] o ofício do cronista é como o voo da gaivota, rente às ondas, até o ponto e a hora de fisgar o peixe. E então, vem o mais difícil: voar bastante alto sem deixá-lo cair.

⁵ Essa “liberdade” dentro da empresa jornalística de que nos fala Galvani ou o termo “marginal da imprensa”, referido pelo poeta Vinícius de Moraes, sugerem que estes profissionais possuem um espaço maior para falar, opinar e até contradizer a linha editorial de onde trabalham.

Escolhido o tema é só voar com as palavras.(Pinheiro. O voô de Walter Galvani. **Zero Hora**. Porto Alegre, p.5, 01 ago. 2005)

É esse “voo alto” que faz contato entre a essência da duração que acontece na vida diária do indivíduo em seu espaço e as “ideias”, entre o contexto particular de uma cidade e as questões mais amplas de uma época. Dito de outra forma: desvela elementos da estrutura a partir de detalhes vinculados a uma temporalidade conjuntural específica e retira do devir ideias de permanência. Neste sentido, Ercílio Rosa sublinha que seu objeto de trabalho é o detalhe das ruas na busca de entender os “problemas maiores” da vida social, para ele:

Há uma porção de coisas nas agitações das ruas que muita gente não vê. Não vê porque são pequeninas coisas de todos os dias. Há nas ruas os reflexos sutis das vitrines, envolvendo as sombras dos vultos que passam vibrando de ímpetos incoercíveis. (...) Gosto das esquinas. É dos ângulos das ruas que a gente vê o vulto despreocupado e sem pressa do burguês, que passa com gestos medidos de quem tem o privilégio das horas vazias; o vulto esguio da donzela beatificada à procura de um noivo; e a sombra curvada do trabalhador pobre com as mãos vazias nos bolsos vazios, que arrasta sua existência pelos espaços sem cor do seu destino. E como é proveitoso, como enriquece a experiência de cada um, postar-se nas esquinas e sentir o cheiro dos acontecimentos pequeninos, mas que envolvem em suas agitações os problemas de todos os dias.(Rosa, 1949, p.25)

O cronista do jornal 5 de Abril, ao escrever essas linhas, está absolutamente dentro das tradições ligadas ao gênero. Observa no fato pequeno as questões de fundo, essenciais ao trabalho do historiador. Posiciona-se como um *flâneur* que vagueia pelas ruas, um estrangeiro e nativo ao mesmo tempo; mistura-se entre os iguais com o olhar do outro no exercício necessário do poeta, do cronista e de quem quer que queira ver o que está além das aparências. Rosa caminha pelas ruas de uma Novo Hamburgo em franca transformação e nesta atribui-se o papel de observador, sujeito de um objeto que é a vida da cidade: cria, a partir do estranhamento como método, a relatividade necessária para suas reflexões. Comentando, neste sentido, as diferentes formas de lazer da população em geral, define a sua:

Eu gosto da filosofia barata das esquinas e dos bares. Gosto de olhar a vida por determinado ângulo. E é debruçado nas arestas das esquinas ou sobre o mármore frio dos bares que eu espio a alma de meus semelhantes. Vejo-os nos bares despídos de preconceitos, quando no calor de dois ou três aperitivos, expõe nus seus sentimentos, suas aspirações e suas ideias.(Rosa, 1949, p.93)

Segundo Ferrara (1999, p.13), o imaginário do *flâneur* tem origem mítica na Paris do século XIX, cidade da experiência urbana assumida, simboliza a realização do projeto moderno e torna-se modelo a ser seguido. Para a autora, o

flâneur não é um autômato, mas, ao contrário, é um ocioso paradoxal, que transforma as ruas, os pavilhões, os grandes magazines, que atendem à necessidade coletiva da multidão, em instrumentos indiciais que referencializam o labirinto emocional despertado pela cidade moderna.(Ferrara, 1999, p.216)

Esses modelos imaginários terão, na primeira metade do séc. XX, larga penetração nas cidades brasileiras, e principalmente naquelas que acreditavam poder embarcar no trem da modernidade, como foi o caso de Novo Hamburgo. O escritor da cidade, através do jornal, referencializa o olhar e educa o leitor a partir das tradições de uma literatura “metropolitana”, ajustando-se à realidade local.

Entre as categorias utilizadas pelo cronista em seus textos, a do trabalho ocupa lugar central. O “imaginário do trabalho” e seus paradoxos estão na base das construções do autor e será então o foco da próxima seção.

A cidade do trabalho

As notícias, modas e ideias que marcaram o contexto internacional e brasileiro na primeira metade do século XX também se fizeram sentir na cidade de Ercílio Rosa. Distante apenas 50 Km da capital e conectada a ela pelo trem, pelo Rio dos Sinos e por via rodoviária, Novo Hamburgo nos anos 1940 mantém-se sincronizada aos processos históricos maiores. Assim, desde o modelo literário adotado por Rosa até o discurso do “Progresso” agendado pelo jornal 5 de Abril podem ser vistos como exemplos dessa relativa proximidade com as “ideias-força” da época. Entrar no compasso da modernidade é tarefa assumida pelo jornal e por seu principal cronista e a valorização de um ethos fundamentado no trabalho foi o caminho encontrado. Assim, envolvido no projeto de fortalecer tradições que demarcassem especificidades culturais para Novo Hamburgo, o autor seguidamente constrói seus textos a partir da temática do trabalho, base para a indústria e para o esperado progresso da cidade. Claro está, contudo, que as construções literárias elaboradas por Rosa são feitas a partir de um histórico francamente associado a indústria, especialmente do curtume, do calçado e de toda uma gama de produtos associados aqueles processos. O que o autor faz, então, ao reafirmar as tradições industriais? Ele reatualiza o discurso tradicional na busca da cidade pretendida; a tradição a serviço da modernidade.

Desta forma, na cidade das crônicas de Ercílio Rosa, um forte discurso progressista tenta conciliar trabalho e harmonia social. Os traços distintivos que demarcariam o “ethos” daqueles cidadãos seriam resultado, justamente, desta capacidade de harmonizar as tradicionais tensões provocadas pela industrialização. Entretanto, os limites destas construções transparecem em alguns escritos mais críticos, onde a cidade ideal dá lugar a um cenário mais realista.

Esses elementos, constantemente veiculados, alimentaram imaginários que ainda hoje são percebidos em Novo Hamburgo. Por outro lado, os efeitos indesejados deste mesmo processo também aparecem constantemente e deixam transparecer os dilemas do autor para com as mudanças sociais. Ele problematiza as implicações éticas do progresso que transforma as velhas tradições, assentadas em princípios coletivistas, diante de uma sociedade mais individualista e competitiva.

Para uma cidade que cresceu em oposição ao mundo rural, construída a partir de uma identidade industrial, as tensões entre capital e trabalho aparecem de forma clara para o cronista: Rosa busca então encontrar o caminho do meio, elaborando um discurso fortemente influenciado pelo Positivismo.⁶ Sua postura é de conciliação: critica e elogia, conforme o caso, ambos os lados envolvidos neste processo. Em uma de suas primeiras crônicas, intitulada “Capital e trabalho”, o autor deixa transparecer também uma visão cristã e corporativa, muito forte naquele contexto e em sua visão de mundo:

O capital e o trabalho são duas classes tão erradamente antagônicas. O empregador e o empregado deveriam ser unos para o bem recíproco, porque em nossos dias não há evolução sem a coordenação destas duas classes, pois automaticamente uma precisa da outra. O capital é a cabeça e o trabalho é o corpo; um não vive sem o outro.(Rosa, 1945, p.27)

Mais adiante afirma que “em geral o patrão é um egoísta intransigente e o empregado um eterno descontente”, contudo, “precisamos enfrentar a realidade da vida em harmonia com as leis das coisas.” Nesta linha e estabelecendo uma postura educativa conservadora afirma: “é fácil sermos humildes sem humilharmo-nos!” Na continuidade de sua crônica, lembra que a natureza da sociedade é hierárquica em sua evolução, para mais adiante concluir que “é preciso que desapareça este antagonismo, esta incompatibilidade desintegrante que existe entre capital e trabalho”.(Rosa, 1945, p.27) Trata-se de uma visão conservadora que busca afirmar uma coesão um tanto utópica, em um contexto marcado pela presença de uma radicalização entre as ideias fascistas e socialistas.

O autor também demonstra nestas passagens sua filiação a linha editorial do semanário 5 de Abril que, como já foi dito, assumiu a “missão” de criar um imaginário de cidade harmônica, progressista e industrial para a recém emancipada Novo Hamburgo. Muitos dos textos de Rosa sublinham esses pontos em uma nítida busca de formulação identitária; distinção que trabalharia ao mesmo tempo no sentido de arrefecer as tensões sociais inerentes aquele processo socioeconômico.

⁶ A filosofia Positivista teve forte presença no Rio Grande do Sul durante a República Velha e após a Revolução de 1930, com o governo Vargas, essas ideias continuaram tendo grande influência em seu período de governo.

Exemplar, neste sentido, é a passagem de “Flagrantes de Novo Hamburgo”, onde trabalho e progresso “marcham” juntos:

Novo Hamburgo oferece hoje o aspecto de uma adolescente na ambição de atingir a maioridade... Sua pitoresca paisagem aparece-nos encantadoramente exposta na desenvoltura de seu progresso crescente que a evolução de sua indústria e seu comércio impõe à urbanidade. (...) O progresso urbano está flagrante aos nossos olhos. A cidade cresce, e dia a dia vai adquirindo ares de metrópole com a exuberância de seu poder econômico. (Rosa, 1947, p.28)

Tem-se aqui o discurso da modernidade como mote de união de uma comunidade “jovem” que “caminha” para uma desejada “maturidade” metropolitana. A indústria e o comércio se fazem sentir no desenvolvimento urbano e na paisagem material da cidade que promete um “futuro melhor” a todos através do trabalho, base do discurso do “progresso” e central na formulação imaginária pretendida pelo autor. Como o texto abaixo nos sugere:

Novo Hamburgo é uma cidade operária por excelência e seu povo divide-se em três classes: trabalhadores, trabalhadores e trabalhadores. É por isso que sua vida passa cotidianamente envolta no ruído monótono das máquinas que forjam o seu trabalho e esticam a cidade em todas as direções. (Rosa, 1947, p.28)

Rosa consegue associar nesta crônica os principais pontos de um conjunto ideológico que parece ter marcada influência do corporativismo fascista⁷, ideias essas que foram extremamente fortes até a II Grande Guerra, recém terminada naquele momento. Conclui assim sua crônica:

É notável e digno de admiração, o sentimento de confraternização desse povo que fora do trabalho esquece as convenções hierárquicas e, com raras exceções, empregados e empregadores de todas as categorias, unem-se, íntima e democraticamente, nas mesas de cafés, nos salões recreativos e nos mesmos esportes, etc. É assim que, entrelaçados por essa compreensão de uma solidariedade íntima os novo-hamburguenses solidificam e conservam seu potente esplendor progressista, alimentados por um desejo enorme de conquistar seus ideais. (Rosa, 1947, p.28)

Na crônica intitulada “Fazer anos”, publicada em 1948, o autor associa de forma clara o jornal com a cultura e o projeto da cidade, sempre ligando o mesmo ao arcabouço de ideias que sustentam e configuram seu trabalho. Diz ele:

O dia 5 p.p., marcou mais uma efeméride na existência de nosso município, que nasceu de uma tentativa, de um sonho arrojado, e que se tornou realidade, graças ao arrojo progressista de seus filhos, que fizeram deste local aborígine, um centro industrial mundialmente conhecido. (...) O ‘5 de Abril’, irmão gêmeo do município, xipófago de sua história, também participa de suas agitações, propugnando sempre pelo seu engrandecimento, envolto na modéstia de sua simplicidade. (Rosa, 1948, p.58)

⁷ Estamos tratando aqui de Ideologia no sentido proposto por Hayden White, como um conjunto de prescrições para a tomada de posição no mundo presente da práxis social e a atuação sobre ele (seja para mudar o mundo, seja para mantê-lo no estágio em que se encontra).

A tentativa de dizer uma harmonia, de tentar ver as hierarquias sociais daquela cidade na perspectiva da união, é um esforço que sugere ou deixa transparecer justamente uma necessidade de maior coesão social. Mesmo que as tradições germânicas da cidade, ainda majoritárias naquele momento, apontem para um espírito de união (evidenciada nas muitas associações e clubes), a forte expansão capitalista se apresentava também como um vetor para a desagregação.

Em outros textos do autor são apresentadas as dificuldades do cidadão em vivenciar os desafios de uma cidade sensivelmente individualista e competitiva. Nestes escritos, Rosa desvela as angústias do cronista diante da realidade dos fatos e critica o individualismo agônico de uma cidade onde a busca por ascensão social tenciona com as antigas tradições. Na crônica “Inverno”, por exemplo, Rosa estabelece uma relação metafórica entre a estação fria e a posição de determinados homens da sociedade:

Frio. Esta palavra lembra a consciência de certos homens que, totalmente mergulhados no egoísmo de seus interesses materiais, preocupam-se tão somente consigo mesmos, procurando elevar-se de qualquer forma. (Rosa, 1947, p.35)

Ele chama a atenção para o contexto difícil do pós-guerra e do governo Dutra e seus reflexos regionais. Neste ambiente, para o cronista, as questões sociais deveriam ser tratadas de forma coletiva e não individual. Analisa:

Nestes tempos de dificuldades e inquietações, quando nuvens escuras pairam sobre nós, deveria existir, imperiosamente, união de esforços para a defesa dos interesses coletivos. É preciso que se conjuguem todas as atenções para melhorar as condições de vida de todos nós, procurando dentro da justiça social, as soluções capazes de equilibrar as mais exatas aspirações que dignificam a humanidade. (Rosa, 1947, p.35)

Antes de concluir suas ideias, no entanto, reafirma que a posição dos segmentos prejudicados é tradicionalmente conservadora: “resta aos oprimidos o alento de uma resignação estoica, e, ao menos, o velho capote da esperança.” Ele faz a crítica da situação social sem, no entanto, estimular a rebeldia e suas consequências: tem-se aqui uma nítida “pedagogia da imaginação” que orienta o comportamento na direção de uma cidade “harmônica”, pautada pelas ideias de trabalho, progresso e resignação.

Considerações finais

Acessar o ambiente histórico de uma determinada cidade pelos seus cronistas e seus jornais é um caminho que abre leques de possibilidades à construção histórica. No âmbito deste artigo, buscou-se desvelar alguns aspectos da cidade de Novo Hamburgo na década de

1940 através das crônicas de Ercílio Rosa publicadas no jornal 5 de Abril. Seu trabalho reflete o contexto cultural da cidade e a linha editorial de seu empregador, na medida em que reproduz e altera, de forma autoral, valores e imaginários já existentes e em suas elaborações. Dito de outra forma: processa elementos tradicionais dispersos no cotidiano da cidade através de suas crônicas e os devolve a sociedade. Nesse processo o autor aprimora, reelabora e projeta imaginários através do jornal, principal meio de comunicação daquele momento. Dentre estes, o trabalho, o progresso e a harmonia social aparecem como base do que se poderia chamar de conjunto identitário da cidade. Mesmo que criticando, por vezes, o individualismo próprio do mundo moderno e industrial, seus escritos sugerem que a ordem deva superar os conflitos na busca de um projeto coletivo maior.

O projeto de progresso e a transformação da pequena cidade em uma “cidade industrial” e harmônica, categorias que aparecem assim de forma recorrente em suas crônicas e apresentam o trabalho como “vocação”. Esses imaginários são dados como base de um “espírito” coletivo, como um “ethos” específico e distintivo para os Novo hamburgueses em relação as demais cidades. O mito da cidade operosa, harmônica e progressista é, desta forma, constantemente reafirmado. Ser “trabalhador” seria algo “natural” e nato ao morador de Novo Hamburgo, ciente de que essas formas de ver as coisas estariam garantindo um futuro “moderno” e vitorioso: ideia que visa unir a comunidade.

Entretanto, manter o projeto de cidade ideal nem sempre foi fácil e, em muitos momentos, críticas ao exacerbado individualismo, fruto do próprio desenvolvimento de uma ordem capitalista pretendida, deixam a utopia da cidade harmônica em xeque. Suas soluções expressam ideologias conservadoras presentes naqueles anos, que transitaram com força no Estado do Rio Grande do Sul e no país, como o Positivismo e o Fascismo, ambos contrários as doutrinas de esquerda que também despontavam naquele momento. O trabalho é assim a ideia unificadora que aglutina a comunidade no projeto do progresso e que traria prestígio a cidade sem os perigos do conflito típicos do individualismo moderno. Sobre as greves, por exemplo, o veículo publica o silêncio.

Acredita-se que nos dias de hoje esse imaginário de cidade industrial e de uma população vocacionada para o trabalho ainda ecoe na identidade local como uma tradição ente outras. O antigo projeto moderno assentado numa ideia de centro e unificação desembocou num outro lugar. A ideia do “linearismo”, como diz Maffesoli, cede espaço a uma temporalidade mais “cíclica” e politeísta. (Maffesoli, 2003, p. 18) Desta forma, como uma cidade sempre conectada aos processos mais amplos, os ventos da fragmentação e do

pluralismo também se fazem presentes hoje em Novo Hamburgo, e tencionam com as antigas imagens modernas projetadas pelo cronista do jornal 5 de Abril.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Olhar periférico: Informação, linguagem, Percepção Ambiental*. 2ªEd. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

GALVANI, Walter. *Crônica : o vôo da palavra*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

GERTZ, René. O aviador e o carroceiro. Política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

LEVI, Giovanni. Micro-história. IN: BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história*. São Paulo, UNESP, 1992.

MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PINHEIRO, Márcio. O vôo de Walter Galvani. Zero Hora, Porto Alegre, 01 ago. 2005. Segundo Caderno, p.5

ROLINK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: brasiliense, 1995.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SCHEMES, Claudia. MARONEZE, Luiz Antonio Gloger, KUHN JUNIOR, Norberto. Imaginário e relações de trabalho no jornal “O 5 de Abril”: o discurso da cidade industrial harmônica na Novo Hamburgo dos anos de 1920 e 1930. *Revista Sessões do Imaginário*. Porto Alegre, v.18, n.30, p. 36 – 47, 2013.

SELBACH, Jeferson Francisco. *Cumplicidade e traição: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio rosa*. São Luis/MA: EDFMA, 2009.

SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. Caminhos e descaminhos da História. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion . VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Artículo recibido em 30 de octubre de 2015

Aprobado: enero 2016

Publicado: julio 2016